

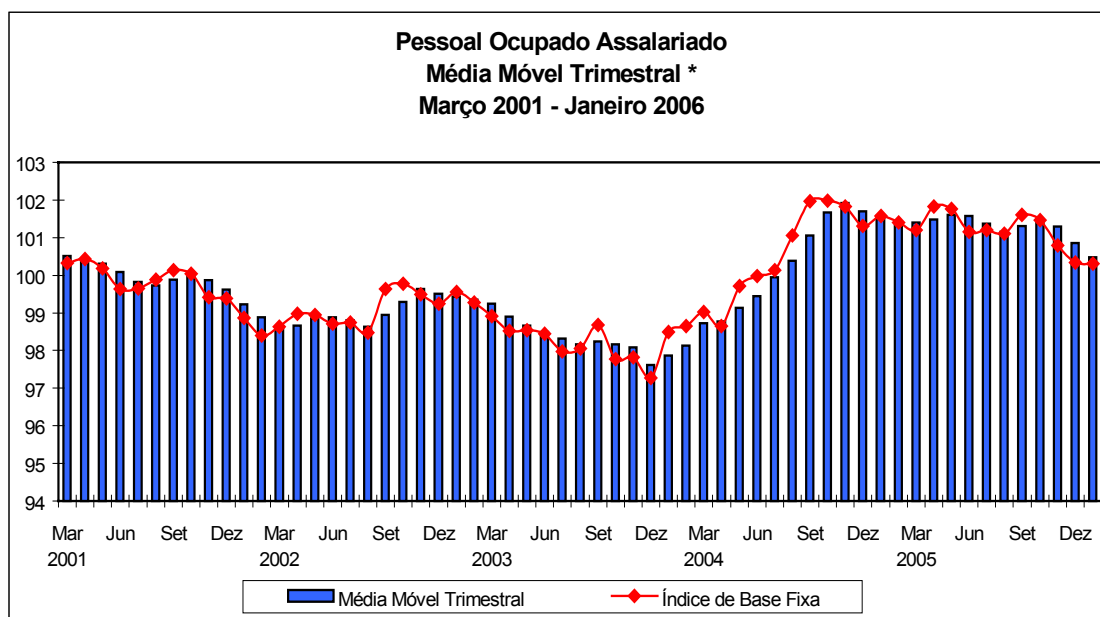


## Comentários

### PESSOAL OCUPADO ASSALARIADO

Em janeiro de 2006, o indicador do emprego industrial mostra estabilidade em relação a dezembro (0,0%), na série livre de influências sazonais, após três meses consecutivos de resultados negativos. No confronto com janeiro de 2005, o recuo de 1,3% mantém uma seqüência de cinco taxas negativas. Com isso, o indicador acumulado nos últimos doze meses prossegue em trajetória declinante, passando de 1,1% em dezembro para 0,7% em janeiro deste ano.

A estabilidade no nível do emprego industrial, neste início de ano, após três meses de taxas negativas, período em que acumulou queda de 1,2%, mantém a trajetória decrescente no índice de média móvel trimestral, com variação de -0,4% entre os trimestres encerrados em dezembro e janeiro.



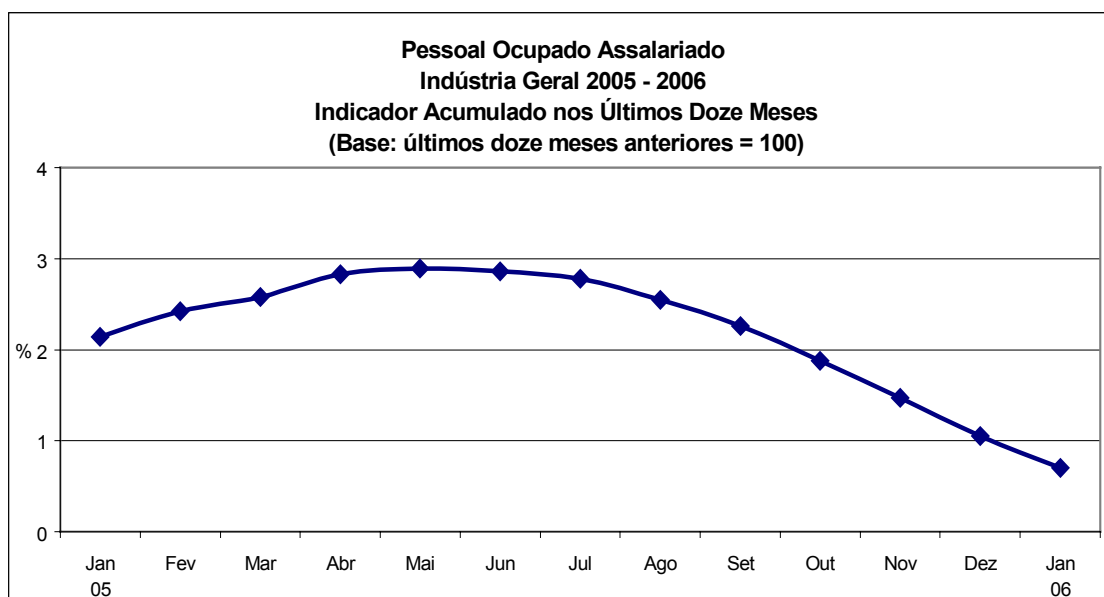
Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria

\*série com ajuste sazonal

O índice do emprego industrial em janeiro último, com queda de 1,3% em relação a janeiro do ano passado, acentua a redução observada no último trimestre de 2005, frente a igual período de 2004 (-0,8%). Na formação da taxa global, Rio Grande do Sul (-9,4%) responde, mais uma vez, pela principal contribuição negativa, devido ao recuo em doze segmentos, com destaque para calçados e artigos de couro (-23,4%). Em seguida, região Nordeste (-3,7%) e Paraná (-3,4%) figuram como o segundo e terceiro impactos negativos no total do país. Na indústria nordestina, entre os dez ramos em queda, alimentos e bebidas (-7,1%) foi a principal contribuição negativa. No Paraná, o índice do emprego se reduz em onze setores, com destaque, em termos de participação, para madeira (-22,3%). Em contrapartida, a região Norte e Centro-Oeste (5,0%) exerceu a principal contribuição positiva, em função dos acréscimos observados em doze ramos, seguida por Minas Gerais (2,1%), com aumento em nove segmentos, ambos os locais influenciados, principalmente, por alimentos e bebidas: 14,7% e 22,7%, respectivamente.

Ainda no confronto mensal, no total do país, doze dos dezoito setores apresentaram índices negativos, sendo as principais pressões no cômputo geral representadas por calçados e artigos de couro (-14,7%), máquinas e equipamentos (-9,3%) e madeira (-15,6%). Em sentido contrário, destacou-se a influência positiva de alimentos e bebidas (8,0%) e, em menor medida, de meios de transporte (3,7%).

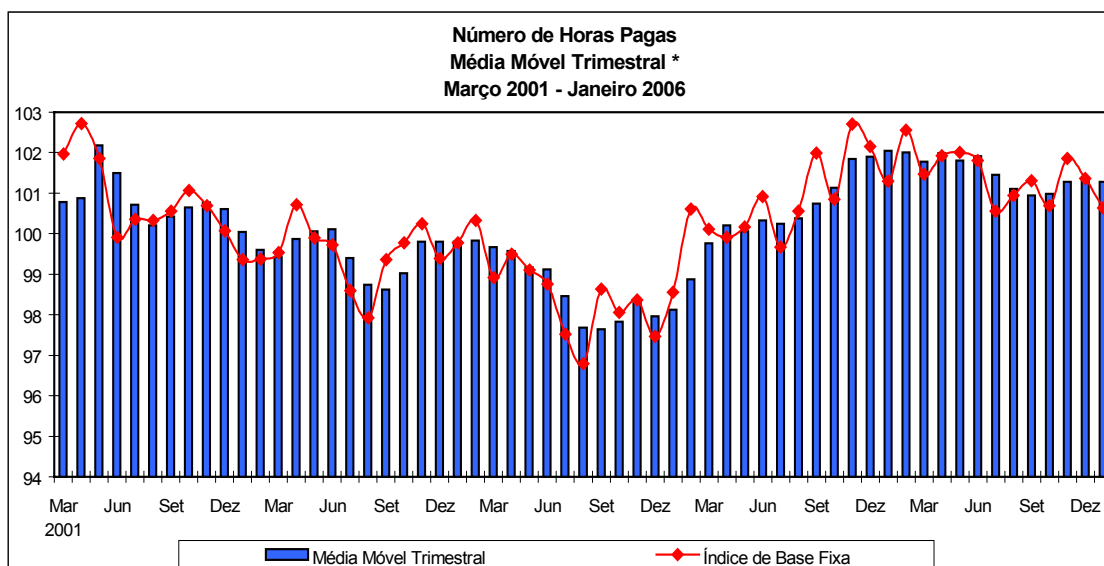
A taxa anualizada, medida pelo indicador acumulado nos últimos doze meses, prossegue em trajetória de desaceleração há oito meses consecutivos, atingindo 0,7% em janeiro.



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria

## NÚMERO DE HORAS PAGAS

Em janeiro, o número de horas pagas aos trabalhadores da indústria apresentou recuo de 0,7% em relação a dezembro, na série livre dos efeitos sazonais. O indicador de média móvel trimestral mantém estabilidade entre janeiro e dezembro, apesar da segunda queda consecutiva no indicador mês/mês anterior.



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria

\*série com ajuste sazonal

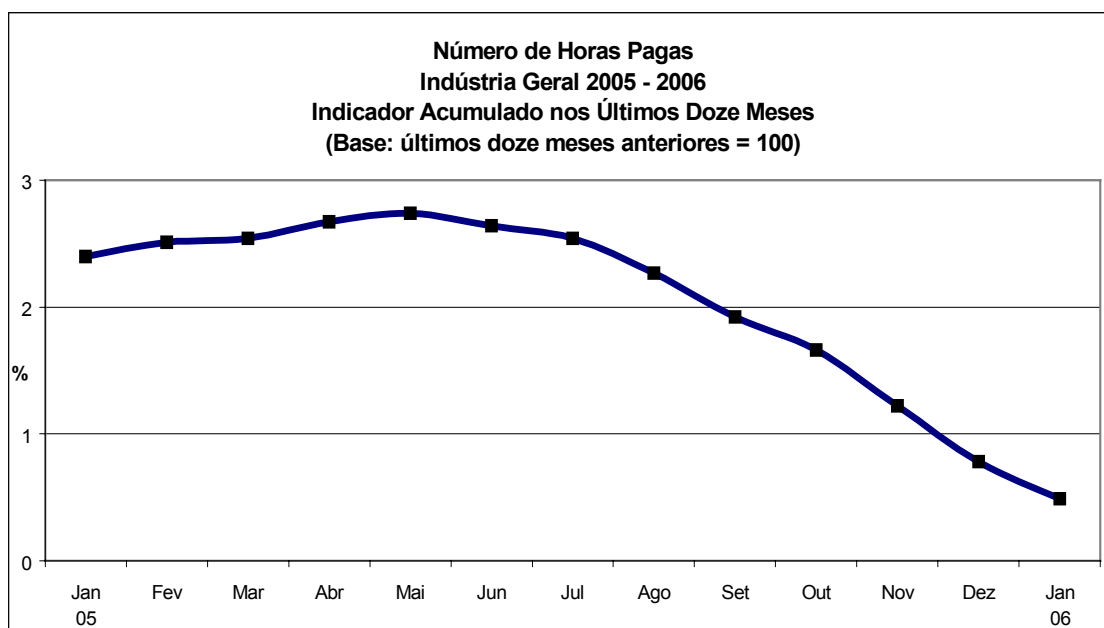
Na comparação com igual mês do ano anterior, o número de horas pagas registrou decréscimo de 0,7%, enquanto o indicador acumulado nos últimos doze meses assinalou

aumento de 0,5%. A jornada média de trabalho mostrou crescimento de 0,6% no índice mensal e variação negativa no indicador acumulado nos últimos doze meses (-0,2%).

No índice mensal, o número de horas pagas recuou 0,7%, em decorrência do desempenho negativo em dez dos quatorze locais e onze dos dezoito ramos pesquisados. No corte setorial, as maiores pressões negativas vieram de madeira (-17,5%), máquinas e equipamentos (-9,1%) e de calçados e artigos de couro (-8,7%). Por outro lado, os impactos positivos mais relevantes foram observados em alimentos e bebidas (7,2%) e máquinas e aparelhos eletro-eletrônicos e de comunicações (11,2%).

Ainda no indicador mensal, os locais com as maiores contribuições negativas no resultado nacional foram Rio Grande do Sul (-8,4%), Paraná (-6,0%) e região Nordeste (-3,7%). Na indústria gaúcha, quatorze das dezoito atividades pesquisadas reduziram o número de horas pagas, com destaque para calçados e artigos de couro (-13,5%), máquinas e equipamentos (-11,2%) e outros produtos da indústria da transformação (-11,2%). No Paraná, sobressaíram, entre os treze segmentos com resultados negativos, madeira (-27,2%) e vestuário (-13,4%). A indústria de alimentos e bebidas (-6,4%) foi o principal impacto negativo na região Nordeste. Por outro lado, as duas maiores influências positivas no cômputo geral vieram de São Paulo (2,8%) e região Norte e Centro-Oeste (5,1%), onde o setor de alimentos e bebidas sobressai em ambos os locais, com taxas de 19,3% e 13,8%, respectivamente.

Por fim, o índice acumulado nos últimos doze meses (0,5%), prossegue com a trajetória descendente iniciada em junho de 2005 (2,6%).

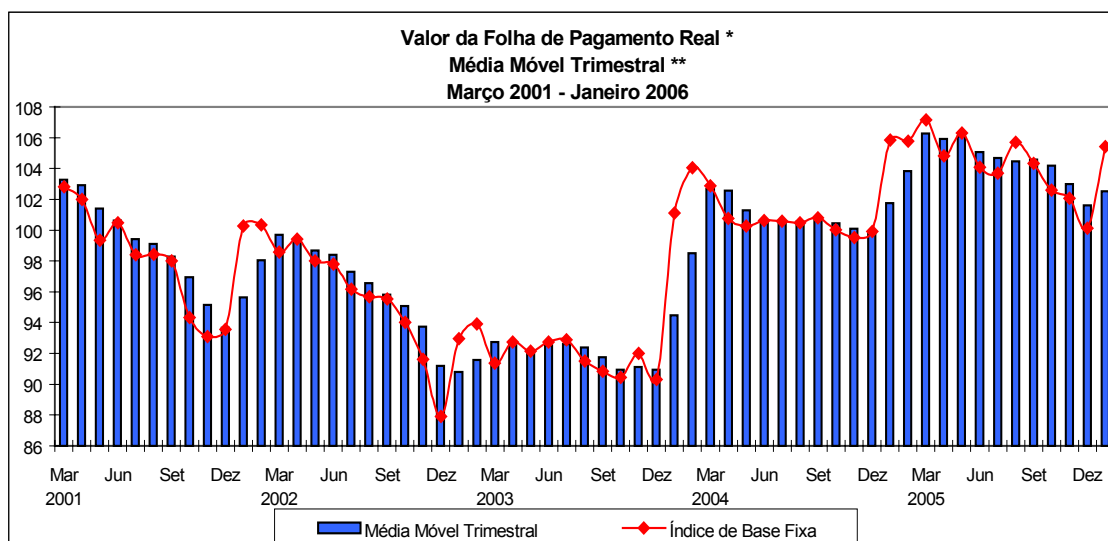


Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria

## FOLHA DE PAGAMENTO REAL

Em janeiro de 2006, o valor da folha de pagamento real dos trabalhadores da indústria, na série livre de influências sazonais, cresceu 5,3% em relação ao mês passado, movimento explicado, sobretudo, pelo pagamento de benefícios na indústria extrativa (23,7%), enquanto na indústria de transformação, o aumento foi de 3,7%.

O resultado da indústria geral (5,3%), bem superior ao verificado entre os meses de novembro e dezembro (-1,9%), reverteu uma série de quatro resultados negativos, quando acumulou uma perda de 5,3%. Com isto, o indicador de média móvel trimestral avançou 0,9% entre os trimestres encerrados em dezembro e janeiro, interrompendo a trajetória de desaceleração iniciada em outubro de 2005.



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria

\*Deflacionado pelo IPCA - IBGE

\*\*Série com ajuste sazonal

Nos demais indicadores, os resultados foram os seguintes: contra igual mês do ano anterior, o valor real da folha de pagamento mostrou variação negativa de 0,2%, enquanto no indicador acumulado nos últimos doze meses houve ganho de 2,9%.

No confronto janeiro 06/ janeiro 05, o índice de -0,2% reflete as quedas em cinco dos quatorze locais pesquisados. A principal delas veio do Rio Grande do Sul (-11,1%), devido, principalmente, ao índice observado em calçados e artigos de couro (-27,0%) e em papel e gráfica (-34,2%). Vale citar também, em menor medida, São Paulo (-1,2%), em função de máquinas e equipamentos (-23,9%) e meios de transporte (-3,0%); e Paraná (-5,3%), em virtude, sobretudo, de alimentos e bebidas (-14,1%) e madeira (-21,8%). Entre os locais com resultados positivos, destacam-se: Minas Gerais (7,7%), decorrente dos ganhos salariais em meios de transporte (21,9%) e metalurgia básica (10,8%); e Rio de Janeiro (9,0%), em função principalmente da indústria extrativa (61,1%), por conta do pagamento de férias e adiantamento do décimo terceiro salário.

Ainda neste tipo de comparação, em termos setoriais, houve redução real na folha de pagamento em dez dos dezoito segmentos industriais investigados. As maiores influências negativas vieram de máquinas e equipamentos (-14,9%), calçados e artigos de couro (-16,8%) e papel e gráfica (-6,1%). Em sentido oposto, os principais impactos positivos foram

observados em produtos químicos (10,3%), indústria extrativa (21,8%) e alimentos e bebidas (5,6%).

O indicador acumulado nos últimos doze meses apresentou expansão de 2,9% no valor real da folha de pagamento, resultado inferior ao de dezembro (3,3%).